

OES 19/07/88

P. 3. ANO

X

O que é e o que parece ser

Com a costumeira certeza dos oniscientes, o multipresidente Ulysses Guimarães empreendeu, em sua última análise da aflitiva situação nacional, mais um dos seus freqüentes retornos às passadas posições de origem — às suas e às do partido que personifica há décadas —, “retornos” esses que habitualmente servem como eternas justificativas para os malogros da atuação peemedebista. Até mesmo as palavras e as imagens escolhidas não oferecem maiores novidades. Repetindo o que já se tornou cediço em suas hostes, ainda uma vez o parlamentar lembrou ser “mais fácil matar um monstro do que remover seus escombros, suas ruínas”. Sabem os brasileiros, exaustivamente, que o monstro em questão é o “autoritarismo”, o qual, segundo o multipresidente, “já foi morto”, mas cabe à Nação compreender que as razões profundas da infelicidade da hora presente são os escombros e as ruínas que ainda “estão aí para serem removidas em todos os sentidos”. Esta a razão, a existência de escombros, segundo as palavras do senhor-diretas, de todas as dificuldades por que passa este país.

A ser vez esta análise do presidente da Assembléia Nacional

Constituinte seria o caso de perguntarmos se o PMDB é meramente um “partido-matador”, que tem o seu ciclo de vida limitado ao assassinio do autoritarismo. Porque, queiram ou não os seus integrantes, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro é co-partícipe da atual gestão administrativa; ou seria o caso de falarmos em co-responsabilidade absoluta em tantos desastros? Já se completaram três anos a partir da data em que todos os homens da Novíssima República assumiram plenamente as funções de governo, entre eles as elites pensantes, especialmente as econômicas, do partido da mudança; quanto tempo mais será necessário para que se removam os mencionados “escombros”, se varram as ruínas, e apareça, enfim, a hora da reconstrução peemedebista? A memória nacional é perfeitamente capaz de identificar quem gestou e sustentou, politicamente, os repetidos Planos Cruzados. Pode assim lembrar que o ministro Bresser Pereira precisou, quando prestava contas de sua gestão a congressistas do seu partido, bradar que “programa não é bíblia” para provar que a economia nacional teimava em não ser peemedebista e as leis do mercado impunham por

si o bom senso que faltava aos partidários dirigentes da economia. Deve a Nação esquecer, na opinião do dr. Ulysses, estes escombros mais recentes?

Em verdade, esta eterna evocação do “monstro” autoritário que a todo momento atormenta os homens do PMDB é a síntese do drama deste partido, hoje absolutamente cindido entre o partido *essência* — interessado nas delícias do poder, nos mil benefícios implícitos nos cargos públicos “de confiança” — e o partido *aparência*, ao qual cabe manter as promessas, encantar a população, enfim vencer eleições. As primeiras grandes vítimas deste partido de homens divididos são os seus governadores de Estado; estes, produto número um da era das flores — tabeladas é verdade —, enfrentando dificuldades de toda sorte, e em tudo e por tudo necessitados dos préstimos da União, principalmente para solução dos insolúveis problemas de caixa, são os mais obrigados à “dança do pala-pala”, imagem sarcástica e real de um ex-ministro da Velha República e deputado à Assembléia Nacional Constituinte.

Entre as obrigações do pala (do

Palácio) e aquelas do pala (do Palanque) se perde nesta dança a mais sólida das convicções, a mais inabalável das vontades de cumprir os prometidos programas eleitorais. A dança do “pala-pala” é especialmente exaustiva para os parlamentares do “partido da mudança”. Devem estes manter as nomeações conquistadas a qualquer custo, angariar novas, e pensar “grande”, mas... há o contato constante com as bases, e a cada *sim* ao Palácio que a televisão se incumbe de mostrar correspondem mil discursos, com o emprego dos mais virulentos termos oposicionistas.

Sem dúvida, a dança do “pala-pala” anda “mais perto do que o razoável” do próprio dr. Ulysses. Quantos dos seus ministros, especialmente os que, além de peemedebistas de primeira hora, são os amigos pessoais de sempre, quantos destes iriam pelo menos até o aeroporto — na feliz imagem de um ministro do presidente Sarney — para acompanhar os que resolvessem parar de dançar o “pala-pala”? É com este PMDB, um partido ferido pela cisão entre o que é e o que parece ser, que o sr. Ulysses Guimarães pretende remover os “escombros” do monstro?